

TEXTOS CRÍTICOS
/CRITICAL ESSAYS/

FERNANDO ARIAS

Humanos Direitos

por Gabriela Salgado

A obra do artista colombiano Fernando Arias (Armênia, 1963) se apoia no uso versátil de diversos materiais aplicados na instalação, na escultura, na fotografia e no vídeo. O artista tem privilegiado possibilitar a comunicação imediata dos fatos contemporâneos, permitindo refletir sobre a tragédia que afeta seu país, imerso em uma guerra de várias décadas, ao produzir um discurso altamente crítico por meio de um tratamento intimista e pessoal.

Desde o princípio da década de 90, Fernando Arias tem exposto freqüentemente na Colômbia e no exterior. Sua obra se encaixa comodamente na tradição neoconceitual, nutrida em igual medida de uma estética duchampiana-dadaísta e da influência do conceitualismo histórico político latino-americano. Seu trabalho em escultura e instalação se caracteriza pela utilização de materiais não convencionais e objetos domésticos que intervêm por meio de operações ideológicas de cunho altamente político. Suas referências ao conflito armado e a situação social na Colômbia se combinam com temas de interesse global como a economia neoliberal, a AIDS, a pobreza e a definição de gênero.

Arias utiliza a linguagem com elegância própria de um mágico das palavras, atribuindo um duplo sentido à expressões populares. Desta forma transgride as limitações impostas pelo costume e a comodidade da

linguagem no uso cotidiano com a utilização geniosa da inversão e da paráfrase.

Nos últimos anos Arias tem utilizado o vídeo como meio expressivo por ter um caráter imediato e por sua adaptabilidade às condições de vida que o artista adotou ao se instalar na selva do Chocó em 2006. Lá seu trabalho no campo social tomou forma na criação de Casa Chocolate, um centro cultural criado em colaboração com os residentes da localidade de Nuquí no litoral do Pacífico colombiano e patrocinado pela Fundação Prince Claus de Holanda.

Uma seleção das obras mais recentes em vídeo de Fernando Arias, fruto da sua longa estadia em Chocó, se apresentam pela primeira vez nessa exposição na Galeria Eduardo Fernandes: **Humanos Derechos** (2008), **Violín** (2007), **Izando Bandera** (2007), **Enjoy your Meal** (2008) refletem um tempo respeitosamente intimista, a resistência de uma população ameaçada pelo isolamento, a precariedade, a migração forçada e o racismo.

A presente exposição inclui a première da instalação de vídeo de quatro projeções **Humanos Derechos**, 2008 (5') em que três membros das facções enfrentadas pelo conflito armado na Colômbia e um camponês se desnudam na frente da câmera, destituindo-se dos signos de identidade próprios de cada bando, para permanecer nus, iguais pela sua condição humana. O talento natural de Fernando Arias para brincar com a língua se manifesta no uso de títulos como *Humanos Derechos*, uma engenhosa inversão de termos que alude à posição ereta dos filmados e ao mesmo tempo denuncia a violação de direitos humanos em situações de guerra. O artista comenta: *a idéia nasceu da minha necessidade de desvendar a condição humana de cada um destes personagens da nossa sociedade e colocá-los no mesmo nível, simplesmente com o corpo nu. Desarmados. Cada pessoa foi filmada sob um tempo preestabelecido e suas ações aparecem sincronizadas. A ação de despir-se é uma espécie de metáfora dos passos de maneira inversa, que as pessoas dão ao querer libertar-se seja através da criação de milícias e ideologias ou sendo recrutados sem ter outra alternativa.*

Humanos Direitos enfoca nos aspectos humanos das pessoas, seja como combatentes ou como vítima indefesa, nos frentes de guerra e conflitos. Também aponta como o entorno social e as circunstâncias dentro das quais se cresce, muitas vezes levam ao ódio e à intolerância do "outro".

Arias transgride mais uma vez a língua ao nomear o único objeto presenteado nesta exposição **Paz Aporte/ A contribution to peace**, produzido por Daros Latinamerica em edição limitada. O múltiplo *Paz Aporte* consiste em uma série de passaportes colombianos falsos impressos em branco – a cor emblemática da paz – com o escudo da pátria alterado, exibindo uma bala de acabado metálico suntuoso e caráter fálico na capa. Com tal intervenção de um *ready made*, Arias se refere a dois fatos ligados pela condição sociopolítica da Colômbia: comenta amargamente sobre o preconceito que acompanha os colombianos ao atravessar fronteiras com um passaporte que evoca violência, drogas e ilegalidade ao mesmo tempo em que transforma o orgulho pátrio em uma arma letal.

Izando Bandera, 2007 (1') é uma visão satírica do poder político e sua aliança com o machismo anacrônico que sobrevive na Colômbia. O perfil nu de um homem jovem posa em posição militar de firmeza, enquanto seu pênis se ereta, símbolo de poder falocêntrico dominante no país, ao som do hino nacional. O título dessa obra faz referência aos jogos da juventude em que "içar bandeira" é a expressão associada a uma ereção.

Violin, 2007 (10') é um curta-metragem sobre a cegueira nas suas vertentes real e metafórica, um retrato melancólico e sutil das relações de dependência entre membros de uma comunidade em situações de precariedade. O protagonista é Violín, um menino de onze anos que cuida da sua avó cega, Dona Mauricia, em um barraco chocoano. A passividade que emerge das ações básicas da vida cotidiana destes seres denota a cegueira de uma sociedade diante da pobreza e da falta de assistência médica nestas terras na costa do Pacífico, onde os rejeitados são principalmente afrocolombianos e indígenas. Violín é as mãos, os olhos e os pés de sua avó, guiando e provendo sustento à idosa em troca de sua infância.

O *tempo* desta peça de vídeo resume com exatidão poética o ritmo pausado da vida chocoana, onde o tempo se detém, deslizando em letargia pelo sopro do trópico, distendido e aumentado pelo sem-sabor da inércia. A natureza pródiga e selvagem da região mais chuvosa do planeta – cuja biodiversidade é comparável a da bacia amazônica – abriga histórias de deslocamento e instabilidade somente sustentáveis pela força da esperança e da resistência.

Enjoy your meal, 2008 (16 ') o barulho de um restaurante em uma cidade moderna contrasta com as imagens de um barco pesqueiro no Mar Pacífico no litoral da densa selva tropical: a relação entre os dois fatos é imperceptível para o consumidor contemporâneo.

O documentário de Fernando Arias se aproxima da problemática da exploração dos recursos nos países periféricos para satisfazer a demanda dos mercados globais e revela como tal exploração desmedida modifica irremediavelmente as economias e estilos de vida dos países produtores. Enormes, suculentos camarões são pescados na frente das costas do Chocó para satisfazer a demanda dos países “desenvolvidos” de comer o que querem, na hora que querem.

A fabricação artesanal de canoas para a pesca tradicional o inevitável desflorestamento que acompanha a extração de matérias primas aparecem no documentário como fragmentos de uma realidade escondida que avança passo a passo em direção à devastação e conseqüente desocupação dos trabalhadores e deslocamento de populações.

Os fragmentos e as vidas se conectam por meio da cadeia da produção alimentícia na economia global. Seu impacto reverbera em nosso entorno, sejamos conscientes ou não de sua existência.

Gabriela Salgado

Curadora de programas públicos da Tate Modern Londres, agosto 2008

Fernando Arias e os arquétipos de um conflito comum

por Daniela Labra

Fernando Arias é um colombiano que residiu em Londres por 20 anos. Após todo esse tempo vivendo entre idas e vindas intercontinentais, agora volta para ficar mais em sua terra natal. Retorna à Colômbia por questões familiares e também por acreditar que o contato constante com a realidade de seu país traz possibilidades de histórias plurais que merecem ser compartilhadas com o mundo.

A obra plástica de Arias, formado em publicidade e design gráfico, é declaradamente política. Pode tematizar tanto questões de gênero, em especial a sexualidade masculina, quanto a cadeia mundial de produção alimentar que liga regiões díspares como a costa colombiana a Londres. O tom de seus trabalhos é a denúncia. O artista mira nas misérias humanas produzidas por falsos moralismos, pelas incongruências da má política, pelo sistema de interdependência de mercados globalizados, pela aniquilação cultural de minorias étnicas. Fernando Arias discute tais assuntos do ponto de vista de quem está dentro de uma situação limítrofe, e para tanto devota um tempo generoso como pesquisador *in loco*, vivendo por longos períodos nos locais cujo cotidiano será substrato para vídeos, vídeo-instalações e fotografias.

Dessas vivências, surgiram narrativas como o vídeo *Enjoy your Meal* (2007) sobre a pesca de arrastão de camarão na costa da Colômbia

que abastece restaurantes europeus mas desequilibra o ecossistema e a economia local, e outros trabalhos como a vídeo-instalação *Shot on Location* (2001) e a série de vídeos e fotografias *Snapshot* (2003). Estes dois últimos apontam para aspectos do ciclo destrutivo da produção de cocaína e heroína, desde o cultivo da matéria-prima na selva até a substância que chega ao consumidor na cidade. O primeiro trabalho foi filmado no exuberante interior colombiano, junto a cenários devastados por conflitos armados, e o segundo em Londres, junto aos *junkies* consumidores de droga oriunda daquele mesmo cenário em conflito.

Uma obra recente de Arias resultante deste processo de vivência é a vídeo- instalação *Humanos Derechos* (2008), elaborada durante a estadia de um ano no Chocó, região da Colômbia que concentra comunidades de afro-descendentes e é uma das mais atingidas pelos conflitos armados no país. Ali, os ataques entre guerrilheiros, paramilitares e militares, estrangulam a agricultura de subsistência e aterrorizam famílias camponesas com genocídios, forçando-as a um penoso deslocamento por entre localidades temporariamente mais seguras que as de origem.

Humanos Derechos traz uma leitura subliminar da tragédia social e individual existentes numa guerra civil. A obra consiste em quatro projeções, postas uma de frente para a outra, que possibilitam a inimaginável reunião dos antagonistas da peleja colombiana num mesmo recinto. Em projeções separadas, um soldado, uma guerrilheira, um paramilitar e um camponês encaram, de pé, a câmera com altivez enquanto vão se despindo simultaneamente até ficarem completamente nus, desarmados, revelando a condição humana que os iguala sobre a terra.

Para persuadir cada um desses atores a participar do projeto, o artista elaborou uma cuidadosa estratégia de aproximação e negociação baseada na construção de uma relação de confiança. Finalmente, um elemento de conexão entre todos surgiu, neutralizando algum tipo de desconforto diante das câmeras: o desejo e a possibilidade de falarem de suas vidas enquanto agiam. O áudio, uma espécie de confissão, não faz parte deste trabalho mas é um tocante elemento que não pode ser desprezado. Por isso, o artista pretende usá-lo em uma outra obra mais documental.

Para Fernando Arias, o delicado processo de *Humanos Derechos* foi tão importante quanto o resultado final. Segundo ele, de certo modo a obra é reducionista no sentido em que retira todas as camadas de complicações do conflito e o reduz a um simples ato de se desnudar diante

de uma câmera. Quando as quatro projeções são ligadas, o espectador no meio da sala se torna o quinto componente dessa guerra, junto com a sociedade em si. *Humanos Derechos* foi exibida em agosto de 2008 na galeria Eduardo H. Fernandes, em São Paulo.

Em 2009, o artista pretende realizar um trabalho nos mesmos moldes vivenciais na Palestina/ Israel. Ele acredita que buscando as diferenças e semelhanças entre os conflitos dessa região com os da Colômbia, talvez possa localizar mais elementos onde a nossa humanidade é universal, atravessando regionalismos e crenças.

Ainda que seus temas sejam na maioria de natureza brutal, não é da brutalidade que Fernando Arias se alimenta. Mesmo questionando situações que ora estampam o refugo do sistema capitalista, ora mostram o produto da presunção ignóbil do ser humano, ele não poetiza o que é horrendo e afasta-se assim de uma abordagem leviana de seu objeto. E este equilíbrio é o dado mais precioso da obra do artista. Sua aproximação é franca e desarmada. Para alcançar essa franqueza, dispensa a parcialidade assim como caricaturas poéticas.

Portanto, Arias não parece acreditar nem na bipolaridade que divide o mundo entre Bem e Mal, e nem na onda de paranóia atual que traz a promessa de sociedades mais vigiadas e conseqüentemente mais seguras. Talvez o artista justamente alerte para o fato de que a segurança de poucos é conseguida com a desproteção de muitos, e que para todos estarem em paz em suas cidades é preciso resgatar o respeito à humanidade que nos constitui como indivíduos.

Nas obras de Fernando Arias percebemos que as vítimas das guerras particulares, na Colômbia, na Palestina, na Europa ou no Brasil somos todos; ainda que *nós* os inocentes, estejamos protegidos em nossos mundos cultos enquanto *eles*, os sedentos combatentes embrenham-se nas matas e nos becos para lutar por uma causa que já não sabem ao certo a quem pertence de fato. Se a nós, ou a quem deveria olhar por eles.